

JAUME CABRÉ

**AS VOZES DO
RIO PAMANO**

Tradução de Jorge Fallorca

Esta tradução teve o apoio de:

llll institut
ramon llull
Llengua i cultura catalanes

L I S B O A :
TINTA-DA-CHINA
M M V I I I

© 2008, Edições tinta-da-china, Lda.
Rua João de Freitas Branco, 35A
1500-627 Lisboa
Tels: 21 726 90 28/9 | Fax: 21 726 90 30
E-mail: info@tintadachina.pt

www.tintadachina.pt

© Jaume Cabré, 2004
Licença outorgada por PPM Editorial 2006, S.L.U.,
Proa Peu de la Creu, 4, 08001 Barcelona,
e-mail: correu@grup62.com
Internet: <http://www.grup62.com>

Título original: *Les Veus del Pamano*
Autor: Jaume Cabré
Tradução: Jorge Fallorca
Revisão: Tinta-da-china
Capa e composição: Vera Tavares

Fotografia da capa: Grupo de alunos de Enviny, 1940.
Arquivo: Casa Pillo.
© Pagès Editors i Arxiu Comarcal de Sort

1.ª edição: Setembro de 2008

ISBN 978-972-8955-72-4
Depósito Legal n.º 280872/08

ÍNDICE

Primeira Parte	
<i>O voo do verdilhão</i>	17
Segunda Parte	
<i>Nomes por terra</i>	59
Terceira Parte	
<i>Estrelas como espinhos</i>	185
Quarta Parte	
<i>Carpir o verdugo</i>	353
Quinta Parte	
<i>Kindertotenlieder</i>	429
Sexta Parte	
<i>A memória das pedras</i>	485
Sétima Parte	
<i>O canto da lápide</i>	621

Para a Margarida

Pai, não lhes perdoes, porque eles sabem o que fazem.

VLADIMIR JANKELEVITCH

.O.

FOI UM BARULHO INSIGNIFICANTE. COMO SE ALGUÉM ACARICIASSE a porta. Abriu-se silenciosamente e uma mão enluvada pegou no puxador pelo lado de dentro, para não fazer barulho. A porta fechou-se com um suspiro imperceptível. Alguém, escuro, movia-se na penumbra da divisão. Os olhos de Yuri, habituados à noite, seguiram-no em silêncio. O recém-chegado entrou no estúdio. Tinham deixado a persiana aberta e ele cagou-se para isso. Do outro lado do vidro, os flocos de neve provocados pela inesperada frente de frio polar, que enregelava a paisagem como se fosse uma camp, tornavam a paisagem nocturna ainda mais silenciosa. Nem sequer se ouvia o murmúrio do rio. Decidiu baixar a persiana para que ninguém, nunca, qualquer que fosse a circunstância, pudesse saber que naquela noite ele tinha entrado no apartamento.

Com um suspiro de enjoo o recém-chegado sentou-se em frente do monitor, deixou a pasta no chão, ao lado da cadeira, e ligou o computador. Observou a arrumação impecável da mesa e percebeu que lhe facilitaria o trabalho. Silenciosamente, Yuri tinha seguido o intruso até ao estúdio e observava-o, ainda mais silenciosamente, da porta. A luz azulada do monitor encheu a divisão, e o recém-chegado fez figas para que nem da rua solitária, nem da outra extremidade do apartamento se notasse aquele brilho ténue e frio. Colado num dos lados do monitor, um post-it dizia «Bom dia! A comida está no armário por cima do frigorífico. Obrigado por tudo!». Pôs-se a abrir pastas. Tirou a caixa de disquetes do bolso do casaco e começou a copiar arquivos pacientemente. Algures, no prédio,

alguém tossiu e ele calculou que eram os vizinhos de baixo que regressavam de alguma festa, cabisbaixos, aborrecidos, cansados, resmungando entre dentes que já não tinham idade para determinadas coisas. Um carro em andamento muito lento, possivelmente por causa da neve, feriu o silêncio da noite. Porque será que os computadores ficam tão lentos quando estamos com pressa? Porque será que fazem tanto barulho, quando dizem que são tão silenciosos? Nessa altura, o telefone tocou e ele ficou parado, desligou o computador, apesar de estar a meio do trabalho, permaneceu imóvel, como uma pedra, e uma gota de suor escorreu-lhe pelo nariz. Não a limpou porque ele não existia. Nenhum movimento na outra extremidade do apartamento.

— De momento, não posso atender. Por favor, deixe a sua mensagem após o sinal.

— Olha, afinal não posso passar por aí amanhã porque tenho de ir buscar outra carga de lousas a Trep e a minha filha entalou-me. Mas não te preocupes, passo por aí ao meio-dia, antes do almoço. Até logo. Boa sorte e um beijo. Depois vou-te visitar. Ah, e tinhas razão: ouve-se mesmo a cantilena do Pamano.

Bip, bip. Até logo. Uma voz de homem, com o sotaque daquelas montanhas, enrouquecida pelo tabaco e café com cheirinho, que falava com confiança do dia seguinte. O desconhecido esperou uns segundos que se abrisse alguma porta. Nada. Ninguém. Felizmente para ele, Yuri tinha decidido não se denunciar e continuava escondido na sua imobilidade. Assim que a recordação do barulho do telefone se dissipou, assim que conseguiu voltar a sentir os flocos de neve que poisavam docemente sobre todas as formas, só então o desconhecido se permitiu respirar levemente e voltou a ligar o computador.

Yuri abandonou a porta do estúdio sem saber exactamente o que fazer e, para já, escondeu-se na sala, à coca de qualquer barulho que viesse do estúdio.

O intruso pôs mãos ao trabalho. Encheu cinco disquetes seguidas com os arquivos das pastas com as iniciais O.F. E mais uns

quantos, para o que desse e viesse. Quando terminou, mandou todos esses arquivos para a reciclagem do computador. Verificou que não havia nem sombras desses documentos, ou de outros semelhantes. Então introduziu a disquete com o vírus, tirou-a e desligou o computador.

Acendeu a lanterna e pô-la na boca para ficar com as mãos livres. Não lhe custou nada esvaziar as três pastas que lhe interessavam do arquivador em cima da mesa. Eram papéis, fotos, dossiês. Meteu tudo na sua pasta e fechou o arquivador. No chão, encostada à parede, estava uma malinha vermelha. Abriu-a. Como se alguém tivesse partido em viagem. Revolveu-a com cuidado: nada que lhe interessasse. Fechou-a e deixou-a tal como a tinha encontrado. Antes de se ir embora, lembrou-se de revolver as gavetas, pelo sim, pelo não. Papéis em branco, blocos, cadernos escolares. E uma caixa. Abriu-a e uma vaga de suor concentrou-se-lhe na testa. Pareceu-lhe ouvir um suspiro de dor na outra extremidade da casa.

Enquanto fechava a porta do apartamento, sabia que não tinha deixado qualquer marca da sua presença, sabia que tinha demorado pouco mais de quinze minutos a fazer o trabalho todo e também sabia que quanto mais longe a aurora o surpreendesse, melhor.

Assim que voltou a ficar sozinho, Yuri entrou no estúdio às escuras. Parecia estar tudo na mesma, mas ele sentia uma angústia aqui, dentro dele. Como a estranha sensação de não ter estado à altura das circunstâncias.

PRIMEIRA PARTE

O Voo do Verdilhão

Nomes estendidos cobertos de flores.

JOAN VINYOLI

AS NOVE DA MANHÃ DE QUINTA-FEIRA, DIA TRINTA DE MARÇO do ano de Nosso Senhor Jesus Cristo de dois mil e dois, o dia tão esperado, tão ansiado, os olhos dos muitos fiéis chegados à praça de São Pedro, no Vaticano, vindos de todos os cantos do mundo, fixam-se ansiosos na janela cheia de colchas onde sua santidade o papa dará a bênção *urbi et orbi*. Apesar de já estarmos na Primavera, faz um frio terrível, por causa do vento gelado, traidor, que sobe do Tibre pela Via della Conciliazione e que entra na praça alegre e triunfante, disposto a enregelar a devoção dos corações que já estão preparados para o aparecimento do Sumo Pontífice. Dança de lenços, por causa das constipações ou por causa da emoção. A janela mexe-se, com um súbito reflexo dos vidros da varanda abrindo-se para dentro. Um microfone, um capelão solícito que o coloca à altura adequada e a figura encolhida, vestida com um branco imaculado, do Santo Padre João Paulo II, que diz umas palavras impossíveis de entender, embora as pessoas se tenham deixado de ouvir. E depois a bênção. Seis freiras guineenses choram de alegria, ajoelhadas nos paralelepípedos húmidos da praça. O grupo chefiado por monsenhor Rella, muito bem situado paralelamente à janela papal, guarda um silêncio vagamente incómodo perante as efusões um tanto supersticiosas de alguns fiéis, que abanam um rosário enrolado nas mãos ou beijam uma imagem de meio euro com o retrato do papa ou tiram a foto que imortaliza o momento. Monsenhor Rella faz uma careta discreta, meu Deus, que gente!, e consulta o relógio. Terão de se apressar, se quiserem estar na Piazza del Sant’Uffizio

dentro de meia hora. Assim que a figura do papa desaparece, imediatamente após a bênção, arrastado pelos médicos, monsenhor Rella levanta o braço e indica a direcção a seguir, entre a multidão, disposto a abrir caminho com pancadas secas do seu guarda-chuva vermelho, através da manhã pesada da praça do Vaticano. Como se fossem um só homem, as cinquenta mulheres e os treze homens seguem a direcção do guarda-chuva. As outras pessoas começam a circular, pouco a pouco, como se lhes custasse abandonar o lugar com que tantas vezes tinham sonhado.

Pela Via di Porta Angelica, uma berlina com os vidros fumados avança felinamente, vira à direita e pára no semáforo da Via Belvedere. Dois homens com aparelhos para surdos, óculos escuros e a cabeça descoberta, um de cada lado, lançam-se às janelas que descem com elegância, como um movimento calculado de pálpebras. Levantam-se ao mesmo tempo e fazem sinal para que os deixem passar. No entanto, um deles acompanha a berlina com passo rápido até ao lugar exacto onde tem de estacionar, na Via della Posta. Um mordomo vaticano, surgido da parede, abre a porta do lado direito da berlina. Em frente da entrada do Palazzo Apostolico, um guarda suíço disfarçado de soldado turco faz de conta que o mundo à sua volta carece de interesse e olha em frente, olha para o edifício de controlo, como se quisesse descobrir os seus inconfessáveis segredos. Uns pés immaculados, calçados com uns sapatos rigorosamente pretos, com fivela de prata, saem da berlina e poisam, delicadamente, no chão.

Como exige o protocolo, de acordo com o dia, será celebrada uma missa na igreja de São Pedro do Vaticano com a participação de toda a Sagrada Congregação de Ritos. Como exige a prudência, os convidados especiais tinham sido todos convocados três horas antes da cerimónia para evitar a mais pequena falha, porque, se há coisa que a Santa Igreja Católica, Apostólica e Romana aprendeu ao longo dos séculos, foi a imaginar, a organizar e a orientar qualquer tipo de cerimónia com o nível exacto da sumptuosidade correspondente à importância da celebração.

Vestida rigorosamente de preto, a silhueta magra e direita, apesar dos seus oitenta e sete anos, com um discreto mas elegantíssimo chapéu, espera que o filho e a sua ex-nora se coloquem ao lado dela. Com uma certa displicência cansada, prescinde do burburinho que lhes chega da praça, onde as pessoas se apinham sem se aperceber. Gasull está a tratar de assuntos com o cabo que saiu de detrás do mordomo.

— Onde é que Sergi se meteu — diz a dama olhando em frente, severa, sem sequer se dar ao incómodo de flexionar a interrogação.

— Está aqui, mamã — responde, seco, Marcel. — Onde querias que estivesse?

Sergi tinha-se afastado uns passos e acendido um cigarro, prevendo que ali dentro nem sequer poderia dar uma fumaça pelos séculos dos séculos.

— Não o ouço.

Se te desses ao incómodo de perguntar, pensa Mertxe, que não consegue disfarçar a má cara com que ficou logo de manhã. Mas tu nunca perguntarás nada a quem quer que seja, porque não queres que se te engelhe a pele do pescoço e porque são os outros que acabam por se pôr à tua frente.

— Então? — Diz a dama de Gasull.

— Já está. Tudo solucionado.

O grupo de cinco pessoas com o número de controlo 35Z atravessa a entrada do Palazzo três horas antes do início da celebração.

A SALA DE SANTA CLARA É ESPAÇOSA, SUAVEMENTE ILUMINADA PELA luz preguiçosa que entra pelas varandas que dão para um amplo pátio interior, por onde circula, apressado, um homem insolitamente ornamentado com uma faixa amarela sobre o peito, em diagonal, precedido por um solícito cidadão vestido de maneira pouco festiva, que lhe indica uma porta com um braço meio estendido. Do outro lado da varanda, um hemisfério enorme e escuro mostra tudo o